



CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

COMPARTILHAR 81

Cristo, Ressurreição, Graça: O Evangelho de Paulo

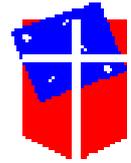
John Shelby Spong*

Descrever Paulo de Tarso por fora não é uma tarefa extremamente difícil. Relacionar as idéias que moldaram seu pensamento e as atitudes culturais que o situam na história e dele fizeram algo menos universal e vítima, como todos nós, de suposições que o tempo revela como inadequadas, é um trabalho simples. Isto pode perturbar aqueles que transformaram as palavras literais de Paulo numa espécie de ícone, mas ícones devem, e continuarão a ruir diariamente.

Se um sistema religioso exigir uma aceitação literal da Bíblia, eu devo me afastar deste sistema. E saio sem medo, porquanto todo sistema religioso que se apóie em fundamentos tão inadequados, jamais sobreviverá, não importa o tratamento de beleza que lhes imponham. Maquiar cadáveres não lhes restaura a vida, embora momentaneamente lhes imprima a ilusão da vida. A religião organizada, tal qual a conhecemos no mundo ocidental, é por muitos considerada tanto um amigo quanto um inimigo, mas que sofre os estertores de morte iminente. Os reavivamentos periódicos dos círculos fundamentalistas são apenas as oscilações transitórias na tela do eletrocardiograma da história religiosa.

Se há um caminho que conduza a uma tradição religiosa viva para o nosso tempo, não o tomaremos consertando as estruturas hoje carcomidas que recebemos do passado. Tal caminho se abrirá quando colocarmos tais estruturas de lado, e encontrarmos um novo ponto de início, ao acharmos uma nova entrada para o que for a verdade religiosa, e através de nossa disposição de explorar o novo terreno abertamente, honestamente, e corajosamente. Significa fazer perguntas que ainda não foram formuladas e levantar possibilidades ainda não exploradas. Significa, finalmente, compreender a racionalidade, a experiência humana por trás das explicações, e ver nas formulações teológicas uma arena válida na qual buscaremos o significado para a dimensão transcendente desta experiência terrena e, em última instância, para a experiência de Deus.

* Bispo Aposentado da Igreja Episcopal. Foi bispo da Diocese de Newark, USA.



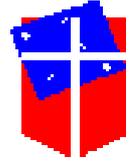
Entendendo o Verdadeiro Paulo

Neste ponto de nossa discussão, buscaremos encontrar o verdadeiro apóstolo Paulo por trás das palavras de suas epístolas, e as explicações que o Cristianismo tradicional deu a elas, conforme as lemos nos livros dos Atos e nas epístolas pastorais de seus dias. Significa tentar entrar na sua vida, sentir sua humanidade, reconhecer sua dor e, partindo desta perspectiva, buscar compreender quem era o Cristo para Paulo, e em que ponto este o encontrara. Talvez, então, possamos entender por que Paulo pensava o que pensava acerca do Cristo, o que ele entendia pela ressurreição e por que a via como algo tão crucial, e enfim, o que a conversão significava para esta figura apostólica.

Se este homem Paulo de Tarso puder tornar-se para nós alguém em cujo ser possamos enxergar os recessos do espírito humano e medir sua essência universal, Paulo pode ser, então, para nós, um ponto de entrada para o significado de Deus. Se isto puder ocorrer, teremos reduzido a distância do tempo e a superestrutura de interpretação teológica que separa tantos de nós atualmente do momento atemporal da Encarnação. Se pudermos entender e tocar a experiência através da qual o Deus que estava em Cristo encontrou Paulo, talvez possamos semelhantemente estar presentes onde o Deus que está em Cristo possa nos encontrar também. Somente assim a autenticidade pode ser restaurada à tradição na qual nós, cristãos, caminhamos. Por isso, venha comigo para os domínios da especulação à medida que provamos a vida de Paulo, usando suas palavras não como objetos literais, mas como portas de acesso à sua psiquê que é aonde a verdade que modifica vidas pode ser encontrada.

O profundo senso de culpa de Paulo

Quem foi Cristo para Paulo? Cristo foi, para Paulo, a presença e poder de Deus que o chamou para a autêntica vivência humana. E quem era Paulo? Estaria ele falando de si próprio ao descrever-se como um impostor que lutava para ser verdadeiro, uma pessoa desconhecida que ansiava por ser conhecida – ou como alguém que por estar morrendo ansiava por viver? Era a respeito de si mesmo que Paulo escreveu que Cristo o havia capacitado, ele, que se via como alguém que estava sendo castigado, que sabia que não seria destruído, embora achara, anteriormente, que era o que merecia? Era mesmo Paulo que antes se vira triste, mas que no Cristo descobrira a alegria? Era mesmo Paulo que antes achava-se interiormente vivendo na intensa pobreza, mas que enfim, por incrível que pareça, que ele tornara aos outros ricos? Era Paulo que antes se considerara como possuidor de nada de valor, mas que enfim, por ter-lhe o Cristo devolvido o próprio ser que tanto rejeitara, passara então a crer que possuía todas as coisas (2 Cor 6:8-10)? Poderia o Cristo, que perdoara os algozes que



Ihe pregaram os pés e as mãos, que restaurara os que o abandonaram, amar também o desprezível Paulo? Poderia o amor de Deus em Jesus de Nazaré, que amara até mesmo os que o assassinaram, também abraçar Paulo de Tarso? Isso seria bom demais para ser verdade. Mas não seria esta a realidade que brilhara na consciência daquele homem que buscara sempre tê-la limpa diante da lei? Buscara a perfeição com todas as suas forças, e fracassara - um fracasso que se repetia. Nem sua mente nem seu coração estavam no controle. Estava convencido que aquilo que desejava fazer com sua mente, era precisamente o que fazia com sua vida (Rom. 7: 14-15).

Paulo tentou explicar esta esquizofrenia espiritual. Se desejo fazer o que não posso - raciocinava - não sou eu mais quem o faz, mas o pecado que habita em mim (Rom. 7:18). Para Paulo, o pecado era uma força poderosa - uma força demoníaca tão potente que podia arrastá-lo a uma ação que não desejasse cometer. "Não reine, portanto, o pecado, em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais às suas paixões" (Rom. 6:12). "... o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que pelo mandamento se mostrasse sobremaneira maligno (Rom 7: 13). Paulo também se via, num certo sentido, como uma vítima. Não seria exagero dizer que nutria um auto-desprezo. Suas palavras revelam, repetidamente, o revelam. "Naquele tempo - perguntava Paulo, creio que a si próprio - que resultado colheste? Somente as coisas de que agora vos envergonhais, porque o fim delas é a morte (Rom 6:21). Envergonhado, merecedor da morte - são estas as confissões auto-reveladoras de Paulo. Será que não era de sua própria vida que escrevera: "Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem a justiça, para a santificação." (Rom 6:19). Impureza, maldade cada vez maior; palavras duras e reveladoras.

Qual é um "membro" do corpo que Paulo diz ter sido oferecido à maldade? A palavra grega traduzida por "membro" é $\mu\epsilon\lambda\omicron\varsigma$. (melos). Isto quer dizer "um membro, parte do corpo". Na epístola aos Coríntios, Paulo chama o ouvido, nariz, olho, mão, cabeça e pés, os membros do corpo. (1 Cor. 12:14). Referiu-se ainda às nossas "partes não decorosas", às quais, sugeriu ele, "mereciam um tratamento melhor" do que exigiam as partes mais apresentáveis" (1 Cor. 12:24). Mas alguém pode desprezar a cabeça, a mão, o pé, as orelhas? Estariam estes "membros" agindo de forma independente da mente? Será que Paulo poderia dizer referindo-se àquelas partes que "o pecado reina em meus membros. Com minha mente desejo uma coisa, com meu corpo desejo outra"? A mente não tem poder de dirigir os pés, os olhos, os ouvidos? Os únicos órgãos que não podem ser efetivamente controlados pela vontade são os órgãos genitais. A excitação sexual nos advém mesmo a despeito de nossos maiores esforços. A impotência sexual também nos acomete mesmo a despeito de nosso desejo mental de reagir.

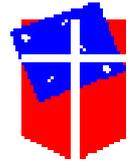


Haveria alguma forte evidência a nos fazer crer que Paulo esteja falando aqui de desejos sexuais que o atormentavam? Veja estas palavras: "Eu sou carnal, vendido sob a escravidão do pecado. Não compreendo minhas próprias ações" (Rom. 7:14-15). "Nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Desejo o que é bom, mas não consigo efetuar-lo. (Rom. 7:18) "Mas vejo em meus membros uma outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. (Rom 7:23).

Será que tais passagens poderiam significar uma confissão de paixões sexuais ou necessidades sexuais além do controle de Paulo, talvez o que o fizessem sentir-se tão culpado a ponto de tomarem um aspecto de auto-desprezo? Estaríamos nós tão prevenidos durante todos estes anos para enxergar isto, por termos colocado uma barreira entre o Santo Paulo, cujas palavras estão registradas nas escrituras, e os desejos sexuais que não poderíamos acreditar fossem parte da vida de um homem santo? Não estaríamos nós, cristãos, condicionados por dois mil anos de exaltação à virgindade e celibato que consideramos como os sinais verdadeiros de uma vida santa? Poderia o apóstolo Paulo ter sido marcado por um desejo tão intenso que sobre isto tenha escrito repetidas vezes? Vejamos um pouco mais de Paulo: "Com minha carne sirvo a lei do pecado" (Rom 7:25); "O corpo não é para a impureza, mas para o Senhor" (1 Cor 6:13); "Aquele que pratica a imoralidade, peca contra o próprio corpo" (1 Cor 6:18); "Esmurro meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado." (1 Cor. 9:27)

Um corpo que precisa ser esmurrado deve realmente ser maligno. O que tortura Paulo a ponto de seu corpo merecer tamanho abuso? Veja mais uma vez o sempre revelador Paulo: "Porque, chegando nós à Macedônia nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro" (2 Cor. 7:5). Certamente a vida de Paulo era difícil, e a perseguição algo real, mas será que isto explicaria adequadamente a enigmática parte em que fala de "lutar por fora, e temer por dentro"? Que poder tão intenso é este que Paulo o julga controlado por forças demoníacas? Mais uma vez: "Outrora porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são: mas agora que conheceis a Deus, ou antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?" (Gal 4: 8-9).

Não conhecer Deus, diz Paulo, é sofrer uma confusão de identidade, especialmente de identidade sexual. Deus abandona aqueles que são dominados por tais paixões, e diz Paulo, entregou tais homens à imundície, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si: pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador (Rom 1: 24,25). Repetidamente Paulo levava para casa seu clamor doloroso e revelador. Ele se encontrava sob o controle daquilo que não podia dominar. Algo que invadira seu corpo, sua carne. Ele avisava, "Não useis vossa liberdade como uma oportunidade

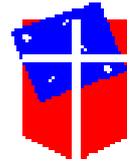


para a carne" (Gal. 5:13); "Andeis no espírito e jamais satisfareis a concupiscência da carne" (Gal. 5:16).

O que a carne produz? Para Paulo, aquelas referências claramente diziam respeito à paixão sexual fora de controle. A carne produzia "fornicação, impureza, licenciosidade". (Gal, 5:19). Mas o fruto do Espírito era "auto-controle" (Gal. 5:23). Sim, havia uma grande lista de obras da carne e frutos do Espírito na epístola aos Gálatas, mas Paulo jamais se afastava da discussão da paixão sexual e da necessidade de auto-controle. Ele conclui esta passagem outra vez com uma reveladora e chocante afirmação: "Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com suas paixões e concupiscências" (Gal. 5:24). A carne era, para Paulo, a habitação do mal que o possuía, sobre o qual ele não tinha nenhum controle e o qual lhe produzia um auto-desprezo que descia ao nível da auto-rejeição.

Tortura-nos a dor de Paulo, que, a partir dessa dor, exorta as pessoas de Colossos: "fazei pois morrer vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão, lascívia, desejo maligno e avareza, que é idolatria. Por estas coisas é que vem a ira de Deus (Col. 3:5). Paulo sentia uma tremenda vulnerabilidade, como alguém que se julgava merecedor da ira por ser maligno e indigno, e se não maligno por si mesmo, então desesperadamente sob o controle de poderes malignos. "Pois não faço o que prefiro, e sem o que detesto". (Rom 7:15) "Por isso – conclui Paulo – ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus, mas vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros (Rom 7:21-23). Homem desditoso! Um revelador grito de auto-rejeição. Homem infeliz, que servindo a lei do pecado "com minha carne" (Rom 7:25). Homem miserável que se via rejeitado, condenado. "Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rom 7:24).

O que fiz foi extrair Paulo das escrituras, libertá-lo daqueles que o capturam no culto de uma santidade imposta. Deixei que Paulo falasse por si mesmo. Ele era um homem torturado. Sua paixão pela perfeição estava na mesma proporção da sua tortura. Era por isto que ele avançara no Judaísmo bem além de muitos da sua própria época. Era por isto que ele havia sido extremamente zeloso pelas tradições de seus pais. Sua busca de uma santidade através da Lei era necessária para controlar um poder e uma realidade que residiam em seu corpo e em sua carne, e sobre os quais sua mente não tenha controle. A Lei e a busca da vida de justiça eram desejadas para controlar sua indomável paixão. Sem a estrutura da Lei, ele seria consumido por algum desejo interno. Para Paulo, este era um desejo iníquo, muito provavelmente ligado, de alguma forma, à sexualidade, cheio de maldade e impureza. Qualquer ameaça à santidade e poder da Lei, seria uma ameaça ao sistema de auto-controle de Paulo, uma ameaça à sua frágil tentativa de "possuir este vaso em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios, que não conhecem a Deus (1 Tess 4:4-5,



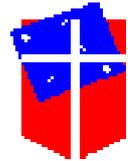
conforme a tradução King James, já que outra versão popular nos Estados Unidos, a *Revised Standard Version* usa a palavra *esposa* em vez de *vaso*, que expressa a idéia de corpo. Creio que tal mudança altera completamente o pensamento de Paulo). Foi assim que, tendo o movimento cristão entrado em cena, pareceu a Paulo que aquele subvertia a Lei, o que, se fosse verdade, ameaçava o frágil sistema de segurança de Paulo. Se o Cristianismo prevalecesse, Paulo seria destruído, consumido pelas paixões malignas sobre as quais não possuía nenhum controle. Paulo, portanto, odiava o Cristianismo. E o odiava com um ódio que por si só era revelador. Somente algo que sacudisse a fragilidade do sistema de apoio de alguém poderia provocar aquele tipo de hostilidade assassina que Paulo demonstrava para com os cristãos. O ódio religioso sempre é revelador.

Paulo, ao ver os primeiros judeus-cristãos descentralizarem a Lei em favor da graça, não era diferente do fundamentalista que vê sua Bíblia infalível ser substituída pela irresistível insegurança da liberdade. Sua resposta foi o ódio. Ele queria matar, prender, perseguir. Os cristãos eram os agentes da anarquia, o próprio diabo encarnado. Eles tinham de ser detidos. Isto não está longe do tipo de ódio que emana dos tele-evangelistas quando estes são desmascarados, e o frágil sistema de controle que tão laboriosamente edificaram para manter suas paixões sob controle começa a sacudir-se.

Fervorosos compromissos emocionais com sistemas religiosos controladores revelam não somente devoção e virtude, mas também águas turbulentas que a vontade não pode amainar. Medos que residem profundamente em nosso ser sempre parecem emergir para sacudir nosso mundo, nossas seguranças – lutas externas, medos internos. Não me surpreende que, vez em quando, populares pregadores evangélicos que tão energeticamente pregam contra os pecados da carne acabam por sucumbir a estes mesmos pecados que vinham condenando.

Paulo não era livre para *não* perseguir os cristãos, pois se estes sobrevivessem, ele sabia que ele próprio não viveria. Como judeu, ele aprendera que “o estudo da Lei distrai a mente dos desejos”. O quarto livro dos Macabeus declarara que “por esforço mental” todo desejo sexual poderia ser vencido (4 Mac 2:2). A mente moderada pode vencer os desejos das emoções e apagar as flamas dos desejos incontidos; pode converter agonias corporais mesmo quando forem extremas, e por nobreza da razão, repudiar o domínio das emoções (4 Mac: 3:17-18) Paulo contava com estas certezas. Tendo por aliado a Lei, ele tentava diariamente aplacar as chamas de uma paixão descontrolada, e em sua concepção, maligna.

Os “seguidores do Caminho” - como eram chamados os primeiros cristãos - buscavam, na mente de Paulo, invalidar o poder da Lei, e por conseguinte, provocavam em Paulo o impulsivo e descontrolado ódio de um perseguidor; e que perseguidor incontido e descontrolado ele era! E ele disse, “Por que ouvistes qual foi o



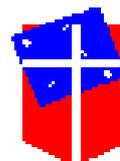
meu proceder outrora no Judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a Igreja de Deus e a devastava." (Gal. 1:13). Nada tinha ele de moderado. Era apaixonada e emocionalmente motivado, imbuído de um enorme sentimento de auto-desprezo, buscando lidar com tais sentimentos na forma de controle exterior, zelo religioso imbatível, e rígida disciplina. Ele não podia, porém, dominar as paixões que o consumiam.

Qual era a natureza destas paixões? Não tenho dúvidas de que se tratava de paixões sexuais, mas qual tipo de paixão sexual eram? Buscando outra vez nos escritos de Paulo, algumas chocantes conclusões começam a emergir e surpreender o leitor. As paixões de Paulo pareciam ser impossíveis de ser aliviadas. Mas por quê? Paulo mesmo havia escrito que se alguém não pudesse exercitar o auto-controle a pessoa deveria se casar, "por que é melhor se casar do que viver abrasado" (1 Cor 7:9). Mas em nenhum lugar temos qualquer evidência de que Paulo em algum momento fora casado. Na verdade, ele até exorta viúvas e solteiros para que "se mantenham solteiros como eu" (1 Cor. 7:8).

A razão principal da atividade sexual no casamento, de acordo com Paulo, era impedir que Satanás tentasse as pessoas "através da falta de auto-controle" (1 Cor. 7:5). Por que Paulo, que parecia estar sendo consumido por uma paixão que ele não podia controlar, não aceitava seu próprio conselho e aliava sua paixão no casamento? Ele escreveu que o casamento era uma forma de vida aceitável, mas não ideal. "Se te casares, assim não pecas." (1 Cor 7:28). A razão que forneceu para desabonar o casamento, foi a proximidade do apocalipse. "Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está. Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento. (...) isto porém vos digo irmãos: o tempo se abrevia" (1 Cor. 7:26-29). Contudo, perto do fim da vida de Paulo, quando escreveu aos Colossenses e aos Filipenses, percebe-se nele um certo arrefecimento quanto à iminência da segunda vinda, e em seu lugar emerge uma crescente esperança de universalismo. Mesmo assim, o casamento jamais lhe acena como uma possibilidade.

Paulo tem sido interpretado como basicamente negativo com relação às mulheres. Ele escreveu que "é bom que o homem não toque em mulher" (1 Cor. 7:1). A paixão que tão profundamente arde em Paulo não parece estar relacionada com o desejo de união com uma mulher. Por que tal desejo criaria tamanha negatividade em Paulo, afinal? O casamento, o amor de casal, e o seu conseqüente desejo sexual não eram vistos como coisas negativas e desprezíveis. A paixão sexual de Paulo não se encaixa confortavelmente neste contexto explicativo. O que se encaixaria?

Obviamente, não há como saber com certeza a causa da ansiedade de Paulo antes daquele momento da revelação final do Reino dos Céus. Mas isto não faz cessar a especulação que surge quando, neste caso, testamos uma teoria e passamos a ler



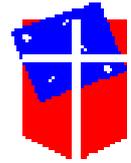
Paulo como se a citada teoria fosse verdade. Às vezes se encontra desta maneira a chave que liberta as mensagens secretas que estão presentes no texto. Uma vez livres, estas mensagens não apenas cessam de ser ocultas, como também se tornam óbvias, brilhando para o leitor que se pergunta como não pôde enxergar tudo aquilo anteriormente.

Alguns sugeriram que Paulo era sexualmente impotente. Esta teoria não se encaixa nos dados. Outros sugerem que Paulo tenha sofrido abusos sexuais na infância e que se achava, portanto, em profundo conflito com as duas emoções conflitantes de medo e desejo. Esta teoria se encaixa melhor, mas ainda deixa no final, muitas coisas sem resposta.

Outros sugerem ainda que Paulo era atormentado por medos homossexuais. Esta idéia não é nova, mas quando em anos recentes, a homossexualidade começou a expressar algumas de suas conotações negativas, tal idéia soou como tão repulsiva aos cristãos que não podia sequer ser sussurrada em círculos oficiais. Isto não quer dizer que nossa homofobia cultural tenha desaparecido. Ela continua sendo letal e reside nos postos altos da igreja cristã, e é um assunto sobre o qual as autoridades eclesiásticas são profundamente desonestas, dizendo uma coisa em público, e agindo privadamente de uma outra maneira. O preconceito, contudo, lenta mas seguramente vai cedendo. E com tal arrefecimento do preconceito homofóbico, podemos considerar a hipótese de Paulo ter sido gay. Devemos testar essa teoria lendo Paulo como se ela fosse verdade. Quando fiz isto pela primeira vez, fiquei surpreso ao ver o quanto de Paulo estava encoberto e o quão profundamente me foi possível entender o poder do Evangelho que literalmente salvou-lhe a vida.

Quando sugiro a possibilidade de que Paulo tenha sido homossexual, não tenho a intenção de ser licencioso ou vulgar, ou sequer sugerir algo que muitos possam considerar escandaloso. Não vejo nenhuma evidência de que Paulo tenha jamais extravasado seus desejos e paixões sexuais. Ele viveu em uma época e entre um povo que moldou a forma como ele veria sua realidade, ou seja, com camadas e mais camadas de condenação. Mas por um momento, suponhamos que esta teoria seja correta e olhemos outra vez para os escritos de Paulo e - mais importante - para o significado do Cristo, ressurreição e graça na vida deste cristão primitivo.

Paulo sentia tremenda culpa e vergonha, as quais produziam nele um auto-desprezo. A presença da homossexualidade teria criado esta reação entre os judeus daquele período da história. Nada além disso justificaria, em minha opinião, a retórica de auto-desprezo de Paulo, seu sentimento negativo para com o próprio corpo, e seu senso de estar sendo controlado por algo que ele não tinha poder de mudar. A guerra que acontecia entre o que ele desejava com sua mente, e aquilo que desejava com o seu corpo, sua empolgação por uma religião fundamentalista e controladora, seu medo ao ver aquele sistema ser ameaçado, sua atitude para com as mulheres, sua recusa em



se casar para extravasar sua paixão – nada explica melhor estes dados do que a possibilidade de Paulo ter sido homossexual.

A tradição religiosa de Paulo claramente teria um homem gay como sendo uma aberração, maligno, distorcido e depravado. Quando descobertos, os homossexuais eram, freqüentemente, executados. A Lei rezava: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação (Lev. 18:22). Não se polua com estas coisas, - prosseguia o Torah - pois Deus expulsará aqueles que se poluírem . Deus punirá, promete a Lei, e a terra vomitará aqueles que assim se poluírem. (conf. Lev. 18:24) Fazer estas coisas é ser cortado do povo de Israel (Lev 18:29). Mais adiante, no Torah, a morte é invocada como a punição para a homossexualidade: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; seu sangue cairá sobre eles ((Lev. 20:13).

Mas Paulo era um estudante da Lei. Se a homossexualidade fosse uma condição sua, ele bem sabia que, diante daquela Lei, ele estava condenado. Seu corpo era um corpo onde reinava a morte. Ele vivia sob aquela sentença de morte. Aquilo que Paulo sabia ser parte de si, as pessoas com quem ele convivia e a lei à qual aderira consideravam como algo abominável, e Paulo sentia que estava além da redenção. Não é possível, até mesmo provável, que esta seja a fonte interna de seu profundo negativismo, seu tumulto interno, sua auto-rejeição, seu zelo supra-humano por uma perfeição que ele não podia jamais atingir? Poderia ser este também o seu “espinho na carne”, sobre o qual escrevera dolorosamente? Tendo esta possibilidade em mente, veja outra vez as palavras de Paulo: “E para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: a minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.” (2 Cor. 12: 7-9). Em outra - e provavelmente anterior - ocasião, Paulo escreve: “E posto que a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo, não me revelastes desprezo nem desgosto; antes, me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus” (Gal. 4:13).

A palavra *anjo* também pode ser traduzida com *mensageiro*. Paulo possui uma condição que ele crê ser incurável. É uma condição que pode levar as pessoas a ridicularizá-lo e desprezá-lo. Ouvi falar e li sobre comentadores que sugerem que esta condição física fosse algum tipo de problema visual crônico. Isto baseia-se, suponho eu, nas palavras de Paulo aos Gálatas: “Se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar” (Gal 4:15). Mas problemas crônicos nos olhos normalmente não provocam desprezo, nem levam ao desespero. E através do olho, que Paulo chamava de “a janela do corpo”, a vida e a beleza, como também a morte e a dor entram na experiência humana. Paulo, nestas palavras aos Gálatas, diz-lhes que ele tornava-se, então, “como eles são”, um em quem “o Cristo foi formado”, e lhes assegura que “em



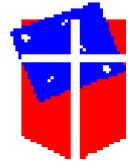
nada me ofendestes” (Gal 4:12, 19). Isto diz respeito a uma cura interna, e não externa.

Outros sugeriram que a condição da qual Paulo não podia se livrar era a epilepsia. Para mim esta parece ser uma possibilidade maior. A epilepsia era vista como possessão demoníaca, mas tratava-se de uma sensação periódica de estar sendo possuído por um espírito, e não uma condição permanente. Ademais, na narrativa bíblica, o epilético evocava um senso de piedade, às vezes de medo, mas raramente desprezo ou indignidade. A epilepsia não me parece explicar a intensidade dos sentimentos que Paulo expressava. A percepção de que ele era homossexual explicaria. É uma hipótese que faz sentido diante dos dados, e que esclarece o tom, o medo, a paixão e o comportamento.

Se esta hipótese estiver correta, ela também elucida de uma forma poderosa a experiência de conversão de Paulo, sua compreensão de Jesus, sua visão da ressurreição, e seu redirecionamento para o universalismo. Ademais, nos fornece um meio de abordar o Cristo tal como Paulo o fez, e enxergar a experiência do Cristo para além de um contexto de palavras limitadas, num contexto universal da experiência humana. Torna-se então para nós uma porta de acesso à espiritualidade universal inaugurada pelo Cristo e que deve durar indefinidamente futuro adentro, de uma maneira que as formas religiosas estreitas e superficiais de nosso passado cristão não mais parecem capazes de reproduzir.

Ouçã mais uma vez o Paulo, convertido, aceito, e resgatado: “Esquecendo-me das coisas que para trás ficam, e avançando para as que diante de mim estão prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocaçãode Deus, em Cristo Jesus (Fil 3:13,14). Paulo acreditava que sua injustiça pessoal fora substituída pela justiça de Deus, e isto lhe dera a esperança da ressurreição. Ele assegurava aos Filipenses que não havia adquirido aquele dom ou tornado-se perfeito, mas “prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.” (Fil. 3:12).

Tente imaginar o poder presente nestas palavras se minha tese, em algum ponto, se aproximar da verdade. Paulo, o temente a Deus, o judeu rigoroso, um zelota da Lei, um futuro fariseu, educado em Tarso, lentamente despertado para o fato de que ele era diferente. Ele não entendia seus próprios sentimentos. Tudo o que ele amava e honrava, de seus pais à sua sinagoga, os textos sagrados da Lei, tudo lhe dizia que aquilo que ele sentia ser, era maligno, depravado, abominável. A lei lhe informava que se alguém fosse zeloso o bastante por ela, todos os desejos seriam aplacados. Então, com o desespero e agitação dos perdidos, ele tenta dominar estes desejos ameaçadores e perturbadores, através do domínio da Lei. Ele avançou além de todos os outros de seu tempo em zelo. Tornou-se impecável diante da lei. Mas nada funcionou. Sua condição estava além da sua capacidade de mudar. Era como se seu corpo fosse possuído por uma força estranha sobre a qual ele não tinha poder. Ele sentia-se como se houvesse uma guerra em seus membros. Com sua mente ele



desejava uma coisa, mas com seu corpo ele desejava outra. Ele buscou exonerar-se culpando algo externo a si por sua aflição. Se minha mente deseja uma coisa, e meu corpo responde de uma outra maneira, não sou eu, mas o pecado que habita em mim.” Cada vez mais ele tenta, com sua paixão pela lei, dominar as paixões de seu corpo. Ele se torna rígido, externamente controlado, religioso, um homem justo, com a conseqüente personalidade fria, hostil, que poderia liderar um movimento de perseguição para destruir por completo o movimento dentro do judaísmo que girava em torno de um homem chamado Jesus. Para Paulo, o Cristianismo enfraquecia a lei que somente por esforços hercúleos o mantinha um pouco acima do abismo. Por isso ele revida ao movimento com a vingança de um homem perigosamente ameaçado. Ele matou, levou à prisão, ele tentou destruir.

O que a graça fez por Paulo

Não há como perseguir algo que nos enfurece sem dele nos aproximar. Paulo se aproximou do Cristo. Este lhe era uma atração fatal. Em meio à fúria que o consumia, ele começou a ouvir a mensagem de amor do Evangelho – amor incondicional, mesmo para aqueles que se achavam desprezíveis, chamados pela sagrada lei de abominação, e condenados pela sociedade como pessoas de tamanha depravação que mereciam até mesmo a morte. Este Jesus podia amar Paulo ainda assim. Aquele era o Evangelho. Aquele que amava os que mataram o amor de Deus, também podia amar este Paulo julgado, tomado pela homossexualidade. Nada que Paulo pudesse fazer o tiraria do amor de Deus presente em Jesus Cristo. De alguma forma, aquela mensagem floresceu em um Paulo hostil, enrustido, vingativo, temeroso. Era como a força de uma luz explosiva e enceguecedora do meio-dia. As escamas como que caíam de seus olhos. O que a lei não lograra fazer, a graça do amor fazia. Paulo estava justificado. Paulo era amado. Embora ainda em seu pecado, ele era aceito. Nada podia separá-lo do amor de Deus – nada; nem a tribulação, nem a tormenta, nem a perseguição, nem a fome, nem mesmo a nudez, nem mesmo o segredo de seu corpo nu. Nada podia separá-lo do amor de Deus. Paulo era agora um eleito de Deus.

Quem pode trazer uma acusação contra um eleito de Deus? É Deus quem aceita, justifica e ama. Quem pode condenar o eleito de Deus? Foi o Cristo quem morreu para tornar o amor conhecido. E se eles não podem, Paulo também não pode condenar-se. Pois Deus elevara o Cristo à sua mão direita. Este Jesus, amando o pecador, o excluído, a abominação condenada, havia sido justificado pelo Santo Deus. Deus está ao seu lado. Deus o colocara em sua destra. Jesus é o agente de Deus conciliando com Deus aquilo que previamente se acreditava irreconciliável. Deus levou Jesus para o Seu próprio Ser.

Porque Deus me ama, agora posso amar a mim mesmo. Foi assim que o Evangelho nasceu em Paulo. Por que o Cristo me aceita, agora eu posso me aceitar. Não tenho

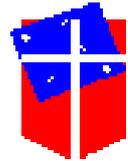


de me tornar um justo guardando os mandamentos da lei. Deus me declarou justo como uma dádiva de Sua divina graça. Deus, em Cristo, me reconciliou conSigo. Nada, jamais, me separará novamente deste amor – nem a morte, nem a vida, nem anjos ou principados, nem as coisas presentes, nem as coisas por vir, nem os poderes sobre os quais não tenho poder, nem o que está no alto ou que está no fundo. Nada, em toda a criação – nem mesmo aquele secreto, indizível medo interno que me possui e pelo qual a lei e o mundo certamente me podem condenar. Nada pode me separar do amor de Deus. Nada! Nada! Nada” (Rom: 8:31-39).

O ser de Paulo, um ser que não entendia, um ser que ele não podia compreender, um ser que toda a sabedoria deste mundo e todas as suas sagradas tradições condenavam como merecedor apenas da morte, esse ser de Paulo encontrou a graça de Deus na pessoa de Jesus, o Cristo. Foi para ele como se uma luz do céu aparecesse, e um acesso para Deus se abrisse, e Paulo visse Jesus como parte integrante daquilo que Deus é. Este era o Cristo ressuscitado – e entronizado. Ouça mais uma vez as palavras de Paulo: “Jesus ressuscitou para nos justificar” (Rom 4:25). “Ora, se morremos em Cristo, cremos também que com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre. A morte já não tem domínio sobre ele. (...) Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rom 6: 9-11).

“Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumento da iniquidade, mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos da justiça” (Rom. 6:19). “Se porém o Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça” (rom. 8:10).

A justiça era, naturalmente, a justiça que o Cristo havia dado a Paulo como uma dádiva da graça. O Espírito que levantou Jesus habitava em Paulo e dera vida ao seu corpo mortal. Cristo é nossa sabedoria e nossa justiça, afirmou Paulo, pela ação de Deus elevando-o ao Céu (1 Cor. 1:30). O Cristo agora pertence a Deus, e eu pertencço a Cristo, exclamou Paulo (1 Cor. 3:23). Pois o amor de Cristo nos controla, julgando isto nós: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou (2 Cor. 5:14). “Logo já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (Gal 2:20). “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens, e reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus,



na terra e debaixo da terra e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (Fil. 2: 5-11).

O Jesus exaltado de Paulo

Quem era este Jesus para Paulo? Ele era o agente reconciliador para a graça de Deus. Ele era a imagem e semelhança do Deus invisível. Ele era o filho primogênito de toda a criação. Ele era um homem judeu que só podia ser compreendido em termos do agente final de Deus. Ele foi identificado com a figura do filho do homem na mitologia judaica. Ele atuou para Deus na criação. Ele mantinha todas as coisas juntas e feriu o poder das trevas ao se tornar o primeiro a renascer dos mortos. A plenitude de Deus se regozijava de habitá-lo, de modo que através dele Deus podia reconciliar tudo e trazer paz onde outrora reinara a inimizade. Paulo podia acrescentar que, para aqueles que “eram estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora porém, vos reconciliou no corpo de sua carne, mediante sua morte” para poder apresentar mesmo Paulo como, “inculpáveis e irrepreensíveis” (1 Col 1:21,22).

O Cristo de Paulo era o mesmo homem da teologia cristã que viria em seguida? Era ele a segunda pessoa da Santíssima Trindade? Será que Paulo teria dito que Jesus era Deus? Embora ele não tivesse negado a verdade para as quais estas palavras apontavam, tais formas de comunicação jamais teriam ocorrido a um judeu de Tarso. São palavras que uma geração posterior de judeus que haviam perdido suas raízes judaicas viriam desenvolver ao tentarem dar uma forma racional à experiência que tiveram com Jesus. Jesus era para Paulo a “primeira criação” de Deus. Pelos padrões da teologia posterior, tal Cristologia seria bastante inadequada, mas serviu bem a Paulo. Para ele, Jesus Cristo era uma vida humana especial através de quem Deus agiu de forma incomum e em quem Deus estava presente de forma incomum também. Jesus era para Paulo um homem judeu tão fiel ao significado de Deus que, quando sua fidelidade custou-lhe a vida, Deus o levantou aos céus como um ato de justificação e como uma forma de dizer que Deus se assemelhava ao que Jesus fizera e como Jesus era.

Quando Paulo fala da ressurreição, ele quer dizer o Jesus morto sendo elevado aos Céus. A justificação da vida que Jesus vivera foi proclamada pela exaltação que Deus lhe dera. Para Paulo, a ressurreição e a ascensão não eram duas ações, mas uma. Não ocorreu literalmente em três dias, mas escatologicamente no terceiro dia, pois foi algo além do tempo e da história. Acima de tudo, foi um ato de Deus. Os tempos verbais que Paulo usou para descrever isso estão no passivo. Jesus foi ressuscitado por Deus. A ação foi divina, pois era uma justificação de Deus. O emprego do verbo ativo, sugerindo que Jesus ressuscitara – ele mesmo realizando o ato da sua

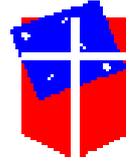


ressurreição – ocorreria numa tradição bem posterior. Para Paulo, as testemunhas da ressurreição não eram as pessoas que dialogaram com um Jesus ressuscitado num cenário terreno, como indicariam as histórias de suas aparições que viriam em seguida. A separação da ressurreição e ascensão não reflete o cristianismo primitivo. Paulo não deu nenhum detalhe das aparições de um Cristo ressuscitado, e disse ainda que sua conversão, que foi claramente uma percepção, uma visão clara do então celeste Jesus, não diferia em nada das outras aparições, salvo que a sua, de Paulo, fora a última.

Marcos, o primeiro dos evangelhos, também não relata histórias de aparições e supunha que seria o Jesus glorificado, ascendido que se faria conhecido em data futura na Galiléia (Mc 16:1). Mateus faz um Jesus ressurreto encontrar os discípulos somente na visão do Senhor ascendido que apareceu do céu para enviar os discípulos no mundo (Mt 28: 1). João diz que foi o senhor ascendido que apareceu para os discípulos e neles insuflou o dom do Espírito. (Mt 28: 1) Só Lucas quem nublou o testemunho ao separar a ressurreição da ascensão, e fazendo da ressurreição um ato de Jesus e da ascensão um ato de Deus. Isto claramente foi uma tradição que se desenvolveu depois, uma concessão, penso eu, à necessidade de tornar literal a história da presença do amor e da graça de Deus na consciência humana.

Quando Paulo falou da ressurreição, ele usou quatro verbos. Jesus morreu; ele foi enterrado; ele foi ressuscitado; ele mostrou-se. O verbo “mostrou-se é *ōphthē* – um termo técnico para este “evento pascoal” e significa que Deus fez com que Jesus fosse visto. Para os apóstolos e outros testemunhos na lista de Paulo, Jesus tornara-se “epífano”, isto é, eles estavam todos proclamando que o crucificado havia sido levantado e então no céu operava através de missionários. Os apóstolos, incluindo Paulo, haviam sido enviados para proclamar esta fé e nenhuma outra. Conforme o Evangelho movia-se de Jerusalém para a Judéia e de lá para Samaria, para as partes mais remotas do mundo, Jesus, o crucificado, tornara-se “epífano” em órbitas cada vez mais amplas. Ele atraía, através do amor e da graça, todas as pessoas para si conforme as restaurava, edificando, finalmente aquela comunidade inclusiva na qual não havia nem judeu nem gentio, escravo ou livre, homem ou mulher. Pois todos são um em Cristo, cujo amor pode abraçar até mesmo os párias da sociedade, até mesmo aquele chamado de depravado e tido como abominação, aquele que, diante da lei, estava sob sentença de morte.

É assim que minha tese sugeriria que o Evangelho de Jesus Cristo foi experimentado por Paulo, o homem de Tarso. Para mim é uma linda idéia que um homossexual, desprezado tanto naquele tempo quanto seria hoje, vivendo tanto com auto-condenação e os julgamentos sociais que uma sociedade receosa tão freqüentemente pronunciou sobre seus próprios cidadãos, podia, mesmo assim, não apesar disso mas por causa disto, seria precisamente quem iria definir a graça para o povo cristão. Por dois mil anos de história cristã esta definição paulina tem sido o próprio centro da



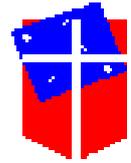
experiência cristã. A graça era o amor de Deus, um amor incondicional, que amava Paulo simplesmente do jeito que ele era.

Um homossexual sob rígido controle, creio eu, ensinou a igreja cristã o que o amor de Deus significa o que, por conseguinte, significa o Cristo como agente de Deus. Finalmente, foi um homossexual, torturado e rejeitado, que veio a entender o que a ressurreição significa como ato justificativo de Deus. Na vida e amor de Jesus, que expressou tanto o amor de Deus e mostrou na vida humana a vida de Deus, o significado de Deus foi estabelecido. Por causa de Paulo, não temos mais como ver Jesus senão como a plenitude de Deus.

Quando as pessoas consideram escandalosa esta idéia de que um homossexual pôde tornar clara a graça de Deus para a igreja, eu respondo, "Sim, é escandaloso, mas não é precisamente como o Deus da Bíblia parece operar?" É tão escandaloso quanto a idéia de que um messias pudesse ser crucificado como um criminoso comum. É tão escandaloso quanto a idéia de que um nascimento sem a paternidade reconhecida pudesse inaugurar a vida que tornou conhecida para nós o amor e a graça de Deus. Isto sugere ainda que os heterossexuais tem um dívida de gratidão para com os homossexuais, pelas muitas dádivas espirituais que surgem da vida incomum que só eles experimentam. Na verdade, eu mesmo tenho recebido exatamente este tipo de dádiva de gays, tanto homens quanto mulheres, que compartilharam comigo suas jornadas com Deus através de Cristo.

Qual é a Palavra de Deus, por trás das palavras de Paulo? É que cada um de nós, não importa quão escura seja a nossa sombra, ou quão condenados nos façam sentir, é um objeto do infinito e agraciado amor de Deus. Cada um de nós é chamado para viver na plenitude desse amor como alguém que foi abraçado pelo Doador do valor infinito. Ao aceitarmos a validação divina, encontraremos a coragem para sermos o ser que Deus criou-nos para sermos, o ser que somos no interior da dádiva de graça da justiça do Cristo. Pois, como a epístola aos Efésios nos lembra, com base no evangelho proclamado por Deus:

"Naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos (judeus e gentios) fez um; e tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, abalou, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.
(Ef. 2:12-16)



A igreja cristã, assim, se torna não uma instituição que luta por poder, status, ou mesmo pela sobrevivência. E sim, cresce para ser “um tempo para o Senhor” em quem cada um de nós é edificado para ser “uma habitação para o Espírito do Senhor” (Ef. 2:21,22). Eu acredito que isto está bem longe de um aviltamento culturalmente condicionado das mulheres ou afirmação de escravidão que encontramos somente se lermos Paulo literalmente. Isto está também além da sabedoria comum do primeiro século que acreditava em coisas sobre Adão, Abraão, Moisés, e David, e que os eruditos da Bíblia não mais podem confirmar. Quando pusermos de lado o compromisso que temos com a verdade literal das palavras de um texto bíblico, descobriremos que existe lá um caminho através destas palavras para entrarmos na dimensão atemporal do amor eterno, da aceitação em graça, e da comunidade inclusiva. Por baixo das palavras da Bíblia existe uma Palavra Viva, extravasada naquele que encarnou-a - Jesus de Nazareth.

O antigo credo da igreja que rezava ser Jesus o Senhor, assim, torna-se um credo que nós modernos também podemos afirmar com integridade, autenticidade, e compromisso. Movidos por tal credo podemos recomeçar a missão da igreja cristã de proclamar amor e graça a todos que se sintam longe do amor e da graça. E o faremos mesmo quando tal proclamação desse Evangelho perturbar, condenar, e ofender aquela instituição que se atreve a chamar-se de igreja, quando não vive o significado de ser o amor positivo, que aceita e perdoa, que é o corpo de Cristo.

Tradução do Capítulo 8 de Rescuing the Bible From Fundamentalism, do Rev. John Shelby Spong, bispo aposentado em 2000 da Igreja Episcopal de Newark. Spong já lecionou na Harvard e no Seminário Teológico de Berkeley. Suas idéias deram-lhe a fama de ser o último dos teólogos liberais. O texto acima foi redigido em 1991.